



A PERSONALIDADE PERVERSA

"PERSONALIDADE É A ORGANIZAÇÃO DINÂMICA DOS TRAÇOS NO INTERIOR DO EU, FORMADOS A PARTIR DOS GENES PARTICULARES QUE HERDAMOS, DAS EXISTÊNCIAS SINGULARES QUE EXPERIMENTAMOS E DAS PERCEPÇÕES INDIVIDUAIS QUE TEMOS DO MUNDO, CAPAZES DE TORNAR CADA INDIVÍDUO ÚNICO EM SUA MANEIRA DE SER, DE SENTIR E DE DESEMPENHAR O SEU PAPEL SOCIAL, EM RESUMO: PERSONALIDADE É UM PROCESSO BIOPSISSOCIAL".

Entendendo a Perversão:

Freud não se limita a definir a perversão como a negação do instinto, pois salienta que a predisposição à perversão é característica da sexualidade humana. Nesse sentido, afirma que toda criança é estruturalmente perversa. O perverso nesse sentido seria aquele que não abre mão do poder. É no momento da conscientização de que existe uma “falta” (ou seja, não é possível exercer o poder sobre tudo ou todos), que o indivíduo tenta substituir esta necessidade de dominar propondo a si mesmo ser o objeto que preenche esta falta (que exerce o poder).

Lacan afirma que a perversão surge como uma defesa contra a angústia de ser despojado do poder, quando a criança se coloca como objeto que preenche a falta do Outro (este outro pode ser sua mãe ou quem desempenha o papel cuidador, nutridor).

A gênese da perversão, nesse sentido, está vinculada ao complexo de castração. O perverso se faz objeto a serviço do prazer do Outro. Ele, contrariamente ao neurótico não se vitima e nem se anula frente às exigências da vida; ao contrário, se torna o instrumento de ação e punição, torna-se o vingador.

Ao perceber que a mãe fragilizada, por exemplo, se anula diante da vida, do marido, da sociedade, dos seus desejos e sonhos o perverso se torna o instrumento contestador, revelador, expositor da submissão alheia e faz isso de forma conflituosa, ameaçadora e transgressora. Assim, ao mesmo tempo em que reconhece a impotência do seu cuidador se torna vingador em defesa dele (a este duplo e simultâneo sentimento, Freud irá chamar de “renegação ou verleugnung”). Valendo-se de um comportamento tirânico, busca triunfar sobre as situações ameaçadoras que impede o Outro de ser quem realmente é.



Deste modo, nasce no perverso à necessidade do “fetiche”¹ como um mecanismo de defesa que atenua a angústia (de castração). O fetiche vem tomar lugar do poder (do falo) perdido. Quando o perverso tem que se deparar com a privação materna, ele elege um elemento imaginário, o fetiche, que vem a ocupar ou substituir o poder perdido pela mãe. Simbolicamente, se o fetiche está ali é porque a mãe não perdeu seu lugar, seu poder, sua individualidade. Por isso, o fetiche adquire um alto grau de valorização para o perverso já que vai servir como proteção contra o horror à ameaça da perda e ao mesmo tempo, sustentar a ilusão do poder. No entanto, este é um equilíbrio frágil que pode se partir a qualquer momento produzindo graves sintomas, pois a solução perversa revela-se também um falso triunfo sobre a perda do poder e sobre o pai que supostamente é responsabilizado pela submissão materna. Assim, o perverso não faz mais do que tentar enfraquecer e minimizar a importância de ambos em sua vida. É como se disse: “nesta disputa entre vocês, eu consigo sobreviver sozinho”.

O perverso vai estar condenado a provar que pode triunfar e humilhar seu pai (que na verdade se revela um pai omissivo e distante). A erotização é, portanto, uma tentativa desesperada de triunfar para aplacar a angústia da suposta ameaça que o pai representa à mãe desprotegida, por isso, o perverso é levado a fantasiar suas vivências. A compulsão da sexualidade perversa trata-se de uma encenação que possibilita o controle e erotização das relações interpessoais. Freud afirma que é na transgressão dessas crianças que certas vivências, sobre as quais elas não têm domínio, podem ser elaboradas e superadas. Nestas fantasias infantis, a encenação é movida pelo prazer e na atitude e sexualidade perversas, pela necessidade.

Estas perversões podem ser classificadas como:

Bullying: A palavra "Bully" é de origem inglesa e significa "valentão". O termo BULLYING compreende todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia, e executadas dentro de uma relação desigual de poder. Portanto, os atos repetidos entre iguais (estudantes) e o desequilíbrio de poder são as características essenciais, que tornam possível a intimidação da vítima.

Transtorno de conduta: tendência permanente para apresentar comportamentos que incomodam e perturbam, além do envolvimento em atividades perigosas e até mesmo ilegais. O perverso não aparentam sofrimento psíquico ou constrangimento com as próprias atitudes e não se importam em ferir os sentimentos das pessoas ou desrespeitar seus direitos. Portanto, seu comportamento apresenta maior impacto nos outros do que em si mesmo. Os comportamentos anti-sociais tendem a persistir, parecendo faltar a capacidade de aprender com as conseqüências negativas dos próprios atos. O quadro clínico do transtorno da conduta é caracterizado por

¹ **Fetiche:** objeto animado ou inanimado, feito pelo homem ou produzido pela natureza, ao qual se atribui poder sobrenatural e se presta culto. Também pode ser parte do corpo considerada como possuidora de qualidades mágicas ou eróticas. Ou ainda, pessoa a quem se venera e se obedece às cegas.



comportamento anti-social persistente com violação de normas sociais ou direitos individuais.

Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH): caracteriza por sinais claros e repetitivos de desatenção, inquietude e impulsividade. Evidencia-se uma constelação de problemas relacionados com falta de atenção, hiperatividade e impulsividade. Esses problemas resultam de um desenvolvimento não adequado e causam dificuldades na vida diária. O TDAH é um distúrbio biopsicossocial, isto é, parece haver fortes fatores genéticos, biológicos, sociais e vivenciais que contribuem para a intensidade dos problemas experimentados.

Transtorno desafiador opositivo: característica essencial é um padrão recorrente de comportamento negativista, desafiador, desobediente e hostil para com figuras de autoridade e se caracteriza pela ocorrência frequente dos seguintes comportamentos: perder a paciência, discutir com adultos, desafiar ativamente ou recusar-se a obedecer a solicitações ou regras dos adultos, deliberadamente fazer coisas que aborrecem outras pessoas, responsabilizar outras pessoas por seus próprios erros ou mau comportamento, ser suscetível ou facilmente aborrecido pelos outros, mostrarem-se enraivecido e ressentido, ou ser rancoroso ou vingativo.

Transtorno da sexualidade: caracteriza-se por uma perturbação no desejo sexual e nas alterações psicofisiológicas que caracterizam o ciclo de resposta sexual, causando sofrimento acentuado e dificuldade interpessoal.

Esses transtornos podem ser:

1. **Disfunção Sexual:** A Disfunção Sexual é um problema que pode afetar o desejo sexual e alterar as respostas psicofisiológicas do corpo frente aos estímulos sexuais, causando sofrimento e insatisfação não só na pessoa, como também no seu par.

As disfunções podem ser do tipo:

- 1.1 **Desejo sexual hipoativo**
 - 1.2 **Aversão sexual**
 - 1.3 **Transtorno de excitação** (Frigidez)
 - 1.4 **Dispareunia:** dor durante a relação sexual.
 - 1.5 **Vaginismo:** contração involuntária dos músculos perineais que impedem a penetração.
 - 1.6 **Ejaculação precoce**
 - 1.7 **Disfunção erétil** (Impotência)
 - 1.8 **Anorgasmia** (dificuldade em ter orgasmo)
2. **Parafilia:** caracterizada pela presença de fantasias ou vontades sexuais estimulantes e persistentes relacionadas: com objetos não humanos; com humilhação de si mesmo ou de parceiros e com crianças ou pessoas que não estão consentindo com o ato sexual.



Podem ser do tipo:

- 2.1 **Exibicionismo:** necessidade repetida de se obter prazer expondo-se sexualmente a pessoas estranhas, sem os seus consentimentos.
 - 2.2 **Sadismo:** quando a satisfação erótica advém da prática de maus tratos físicos e/ou morais infligidos ao parceiro sexual e a si mesmo.
 - 2.3 **Masoquismo:** envolve o ato (real, não simulado) de ser humilhado, espancado, atado ou de outra forma submetido a sofrimento. Alguns indivíduos se sentem perturbados por suas fantasias masoquistas, que podem ser invocadas durante o intercurso sexual ou a masturbação, mas não atuadas de outro modo. Nesses casos, as fantasias masoquistas em geral envolvem ser estuprado estando preso ou atado por outros, sem possibilidade de fuga.
 - 2.4 **Pedofilia:** sexo com crianças.
 - 2.5 **Voyeurismo:** espiar pessoas estranhas nuas ou tendo sexo sem estas perceberem.
 - 2.6 **Fetichismo:** quando o prazer consiste em amar não à pessoa, mas a uma parte dela ou um objeto de seu uso.
 - 2.7 **Frotteurismo:** é a excitação sexual resultante da fricção dos órgãos genitais no corpo de uma pessoa completamente vestida no meio de outras pessoas, como nos trens, ônibus e elevadores.
 - 2.8 **Fetichismo Transvêstico:** alguém que se veste com roupas do sexo oposto para se apresentar em shows e espetáculos, mas essa prática passou a designar hoje em dia principalmente os transgêneros, que após adquirirem formas femininas através de hormônios femininos ou perigosas injeções de silicone industrial, muitas acabam se prostituindo.
3. **Transtorno de identidade de gênero:** caracteriza-se pela pessoa acreditar ou querer ser do sexo oposto, tendo um sofrimento e uma estranheza muito grande com seu próprio sexo e com o seu papel social. Por vezes, essas pessoas mudam de sexo através de uma série de cirurgias plásticas reconstrutivas.

Transtorno de Personalidade Emocionalmente Instável: trata de um transtorno de personalidade, no qual há uma tendência marcante a agir impulsivamente e sem consideração das conseqüências, juntamente com acentuada instabilidade afetiva. Nessas pessoas a capacidade de planejar pode ser mínima e os acessos de raiva intensa podem, com frequência, levar a explosões comportamentais e de violência. Essas explosões costumam ser facilmente precipitadas, principalmente quando esses atos impulsivos são criticados ou impedidos por outros.

Podem ser do tipo:

1. **Violento:** acessos de violência ou comportamento ameaçador são comuns, particularmente em resposta a críticas de outros. Ações do indivíduo ou de pessoas, grupos, classes ou nações que ocasionam a



morte de seres humanos ou que afetam prejudicialmente sua integridade física, moral, mental ou espiritual.

2. **Borderline:** impulsividade, perturbação variável da auto-imagem, dos objetivos e das preferências internas, incluindo a sexual. Sentimentos crônicos de vazio. Há sempre uma propensão a se envolver em relacionamentos intensos e instáveis, os quais podem causar nessas pessoas, repetidas crises emocionais. Esforçam-se excessivamente para evitar o abandono, podendo haver quanto a isso, uma série de ameaças de suicídio ou atos de auto-lesão. Em resumo: instabilidade afetiva, relações instáveis, sexualidade exagerada, transtorno de identidade, sensibilidade à rejeição, impulsividade, automutilação e suicídio, ideação paranóide e dissociativa.
3. **Explosivo ou Impulsivo:** instabilidade emocional e falta de controle de impulsos.
4. **Agressividade em Crianças e Adolescentes:** instabilidade emocional e falta de controle de impulsos nestas faixas etárias.

Personalidade Anti-Social: caracterizado por um desprezo das obrigações sociais e falta de empatia para com os outros. Desvio entre o comportamento e as normas sociais estabelecidas, sendo que esse comportamento não é modificado pelas experiências adversas, inclusive pelas correções e punições.

Podem ser:

1. **Sociopata:** as características dos sociopatas englobam, principalmente, o desprezo pelas obrigações sociais e a falta de consideração com os sentimentos dos outros. Eles possuem um egocentrismo exageradamente patológico, emoções superficiais, teatrais e falsas, pobre ou nenhum controle da impulsividade, baixa tolerância para frustração, baixo limiar para descarga de agressão, irresponsabilidade, falta de empatia com outros seres humanos, ausência de sentimentos de remorso e de culpa em relação ao seu comportamento. Essas pessoas geralmente são cínicas, incapazes de manter uma relação leal e duradoura, manipuladoras, e incapazes de amar. Eles mentem exageradamente (mentira patológica) sem constrangimento ou vergonha, subestimam a insensatez das mentiras, roubam, abusam, trapaceiam, manipulam dolosamente seus familiares e parentes, colocam em risco a vida de outras pessoas e, decididamente, nunca são capazes de se corrigirem. Esse conjunto de caracteres faz com que os sociopatas sejam incapazes de aprender com a punição ou incapazes de modificar suas atitudes. Um sociopata tem aversão à sociedade e transgredir as regras e as normas sociais.
2. **Psicopata:** consiste num conjunto de comportamentos e traços de personalidade específicos. Encantadoras, charmosas, loquazes à primeira vista, essas pessoas geralmente causam boa impressão e são tidas como “normais” pelos que as conhecem superficialmente. No entanto, costumam ser egocêntricas, desonestas, mentem patologicamente, apresentam sentimentos de grandiosidade e onipotência, seu afeto é superficial, dificuldade de aceitar responsabilidade e indignas de confiança. Com frequência adotam



comportamentos irresponsáveis sem razão aparente, exceto pelo fato de se divertirem com o sofrimento alheio. Os psicopatas não sentem culpa ou remorso. Nos relacionamentos amorosos são insensíveis e detestam compromisso. Sempre têm desculpas para seus descuidos, em geral culpando outras pessoas. Raramente aprendem com seus erros ou conseguem frear impulsos. Um psicopata não tem aversão à sociedade, mas transgride as regras e as normas sociais.

OBS: Alguns pesquisadores não separam estas duas entidades patológicas, tendo em vista que o traço de personalidade que as caracterizam se sobrepõem. Entendemos que apenas a distinção relativa a “aversão ou não aversão social” seja pouco para classificá-las separadamente. Assim concordamos com os estudiosos que as consideram sinônimos entre si e do Transtorno de Personalidade Anti-social.

Seus subtipos são:

1. Personalidade psicopática:

1.1 - Transtorno psicopático e sociopático

1.2 - Personalidade psicopática e moral.

1.5 - Violência psicopática.

Personalidade Criminosa: são indivíduos com condutas aprendidas numa socialização deficitária. São reprimidos sexuais, introvertidos, tímidos e dependentes afetivos, sobretudo da mãe. São retraídos e acanhados. Comumente seu papel social é exatamente contrário daquele que se esperaria de uma pessoa sexualmente atirada. Simulam bem uma adaptação social, mostram-se participativos, ativos socialmente, engajados em grupos sociais, tudo para passar despercebido. Descarrega sua agressão contra o ser humano do meio circundante, meio este, ao qual verdadeiramente não se adaptam. É raro que esses criminosos seriais sejam francamente alienados ou psicóticos. Portanto, juridicamente são responsáveis por seus atos. São engenhosos para evitar qualquer contato com o sistema judicial, mediante a influência de familiares e contatos importantes. Seu notável encanto pessoal, grande habilidade para agir no limite da lei ou explorar as lacunas do sistema legal permiti-lhes viver em sociedade de modo aparentemente normal.

Podem ser do tipo:

- 1. Criminoso Sádico Serial:** ou homicida por **Parafilia**. Pode ser considerado homicídio por prazer, já que a causa e a razão do ato tem uma origem sexual.

Tipos mais comuns:

- 1. Violação Sexual (Estupro):** É quando alguém é forçado a manter relações sexuais com uso de violência, ameaça grave, criação de estado de inconsciência ou de impossibilidade de reação. Ato físico de atacar outra pessoa e forçá-la a praticar sexo sem seu consentimento.



2. **Coação Sexual:** constranger outra pessoa por meio de violência, ameaça grave, ou tornar a vítima inconsciente ou impossibilitada de resistir a sofrer ou a praticar, consigo ou com outrem, ato sexual.
 3. **Assédio Sexual:** aproximação sexual inconveniente, solicitação de favores sexuais ou qualquer conduta física ou verbal de natureza sexual indesejável. Sem ameaça grave.
 4. **Abuso Sexual:** prática de ato sexual com pessoa inconsciente ou incapaz de opor resistência, aproveitando-se do seu estado de incapacidade, mas não tendo contribuído para a criação desse estado. Em sua maioria acomete crianças, adolescentes e incapazes.
 5. **Exploração Sexual:** quando há algum tipo de envolvimento sexual (ou intimidade) entre uma pessoa que está prestando algum serviço (de confiança e com algum poder de ofício) e um indivíduo que procurou a sua ajuda profissional. Por exemplo; a mulher abusada por um médico, advogado, policial, empregador, etc.
-
2. **Serial Killer:** ou assassinos em série. São indivíduos que cometem uma série de homicídios com um intervalo entre eles, durante meses ou anos, até que seja preso ou morto. As vítimas têm o mesmo perfil (prostitutas, mochileiros, crianças, idosos) e mesma faixa etária, sexo, raça etc. As vítimas são escolhidas ao acaso dentro deste perfil e mortas sem razão aparente; a vítima é objeto da fantasia do serial killer. Em geral, sua explosão de violência é dirigida para o grupo que supostamente o oprimiu, ameaçou ou rejeitou.
 3. **Delinquente:** comportamento caracterizado por repetidas ofensas e delitos, considerado principalmente no seu aspecto social, contrariando as normas legais. É essencialmente constituído por crime² que atenta contra a sociedade, mas não implicam, intencionalmente, em atentar contra a vida de ninguém. Relaciona-se também com a criminalidade sem motivações políticas. A delinquência pode ser dirigida tanto contra a propriedade como contra pessoas, mas o grau de tolerância é menor no caso de atentados contra pessoas (o delito tornar-se mais facilmente um crime, do ponto de vista jurídico e social). Aqui se destacam os criminosos reincidentes, delinquentes sexuais, traficantes de drogas, mercenários, políticos

² **Crime:** em termos jurídicos, é toda atitude típica e antijurídica, praticada por um ser humano. Em um sentido vulgar, crime é um ato que viola uma norma moral. Num sentido formal, crime é uma violação da lei penal incriminadora. No conceito material, crime é uma ação ou omissão que se proíbe e se procura evitar, ameaçando-a com pena, porque constitui ofensa (dano ou perigo) a um bem jurídico individual ou coletivo. Como conceito analítico, crime é a ação ou omissão típica, ilícita e culpável. Para muitos adeptos do conceito analítico, crime é ação ou omissão típica e ilícita. Sendo a culpabilidade um pressuposto da pena e a periculosidade um pressuposto da medida de segurança.



corruptos, advogado e médicos sem ética, tubarões das finanças, comerciantes ou vendedores sem escrúpulos, terroristas, líderes de seita religiosas e fanáticos religiosos.

A atitude perversa remete, de fato, a um prejuízo sofrido nas experiências familiares na infância e é não só uma criação defensiva, mas também a encenação e reconstrução de um trauma infantil. Esse trauma refere-se à determinada dinâmica familiar que, induz ao medo e força a criança a evitar o enfrentamento da situação traumática: omissão ou consentimento paterno e a sedução materna envolvidos no trauma.

O tipo de estruturação psíquica (neurose, psicose ou perversão) vai decorrer do mecanismo defensivo básico predominante ativado a partir do conflito e do seu desfecho. Diante do temor da possibilidade da perda do poder daquele que o ampara (no caso a mãe), a criança desenvolve uma reação violenta do ego contra a percepção que tem da incapacidade da mãe, isso implicará na manutenção de duas posições opostas em relação à realidade: a criança rejeita o fato de que percebe o enfraquecimento materno e afirma a crença de que um comportamento desafiador assegura a integridade da mãe (e, se assegura o poder da mãe, assegura a sua própria existência, uma vez que ela é sua protetora e nutridora).

A solução neurótica se dará por meio do recalque; na psicótica, haverá a recusa da percepção da realidade; e, na perversão, ocorrerá uma cisão interna do ego, que em parte recusa e em parte reconhece a realidade. Assim, ocorrerá uma desintegração do sujeito que será expressa por meio da angústia advinda do medo da perda de poder. O resultado é que o perverso acreditará que a qualquer momento alguém pode lhe roubar a individualidade e para se proteger ele se manterá infantilizado (irresponsável, brigão, descuidado, inconseqüente, respondão, ...), até mesmo na vida adulta. Essa persistência no adulto da “recusa da realidade e separação” irá se constituir na doença, pois manter em suspenso o conflito é manter em suspenso o desejo.

O perverso tem que se haver com a questão do “impedimento da identificação” com a figura paterna devido ao discurso materno de desvalorização da masculinidade (“seu pai é bruto, ríspido, só fala mandando, nunca pede desculpa, não admite que erra”, ...) e com o papel vitimizado da mãe que se mostra frágil, indefesa levando, inconscientemente, o filho a assumir o papel de vingador. Aferra-se assim, como única possibilidade constitutiva de sua sexualidade e identidade, a recusa da submissão a toda e qualquer norma e à aliança a uma mãe permissiva que usa o filho para expressar o que ela mesma não tem meios ou coragem de fazer.

Na perversão o trauma infantil não foi completo, diferentemente de uma psicose, mas resulta na precariedade da função comportamental, mas não na sua destruição; assim, até certo ponto, protege e preserva a função do sujeito. Há uma correspondência entre os eventos históricos na vida do sujeito que se fazem representar em detalhes nos atos perversos do sujeito. No fundo o ato perverso (incluindo o sexual) advém do ódio e da agressividade marcada pelo uso da criança, mais como objeto dos pais do que como um ser portador dos seus próprios desejos transformando um trauma infantil em um suposto triunfo adulto.



Considera-se na mãe do perverso semelhanças com a mãe do psicótico, pois se está no campo da indiferenciação. A mãe do perverso está presa a lógica do “Ter ou Não Ter”, enquanto a mãe do psicótico, em oposição, está presa a um momento anterior da indiferenciação o de “Ser ou Não Ser”. Pode-se dizer que ambas as mães não desenvolveram sua feminilidade de modo amadurecido. Para estas mulheres o filho torna-se o instrumento de expressão. A diferença reside no fato de que para a mãe do psicótico o filho torna-se uma parte do seu ser, um prolongamento de si. Para a mãe do perverso torna-se um parceiro, cuja função é lhe dar voz e expressão, ou seja, lhe complementar.

No caso do menino abrem-se as portas da perversão ou dos transtornos mais graves de identidade sexual como, por exemplo, o travestismo. Para Freud a construção de uma personalidade perversa é mais difícil para a mulher, por que para tanto necessário é que ocorra um abandono de um primeiro objeto referencial, a mãe. A menina é mais vinculada ao pai e este, por sua vez, normalmente não percebe o filho como extensão de si mesmo, mas como um Outro, independente e atuante por si. O menino para se identificar com seu papel social precisa romper com a mãe (ou seja, com o elemento feminino da necessidade de amparo, proteção, nutrição, ...) e identificar-se com o pai (o elemento masculino solitário, do desapego, das normas, da competitividade), a menina não precisa romper com seu universo feminino, pois viverá como mulher e exercerá seu papel social como tal.

Porém, o que ocorre quando essa mãe subjugada tem apenas filhas? E não pode projetar no filho seu desejo de ingressar no universo masculino do desapego, da solidão, das normas, da competitividade? Freud aponta três caminhos: ocorrerá a inibição da função sexual, ou seja, da feminilidade da filha e o complexo de masculinidade se tornará manifesto em ambas. Deste modo, o caminho da feminilidade estará comprometido, uma vez que a mãe não o pôde encontrar. Assim o complexo de masculinidade torna-se a solução perversa para a mulher equacionar o que se recusa a enfrentar. Outro caminho: entrega-se a uma causa social (luta pelo câncer, pela Aides, pelo índio, ...) de forma desafiadora com o fim de alimentar a esperança de que a tal causa se torne o objetivo de sua vida lhe dando a oportunidade de expressar sua individualidade. E por fim, a práticas sexuais perversas como por exemplo: o uso de fetiches, comportamentos sádicos e ou masoquistas também encontrados em mulheres, travestismos em mulheres e na negação do sexo biológico como nas homossexuais de aparência masculinizadas.

Desta forma a menina se mantém presa à identificação com a mãe fálica e, além disso, sente-se menos ameaçada pela possibilidade de perder o seu amor; pois, pode formar com ela uma parceria, uma vez que representa o lado “masculino” tão desejado pela mãe.

A recusa do perverso homem ou mulher, em última instância se dá por um apego a tentativa de negar a monossexualidade, alteridade e inevitabilidade da morte, da perda, do rompimento. Revelando assim a existência de um ego cindido, que tanto reconhece a realidade de todas essas tendências humanas quando nega na esfera da sua individualidade. O desenvolvimento da perversão pode se configurar como possibilidade de evitar o desenvolvimento de uma personalidade psicótica, pelo fato da recusa não ocorrer por meio da perda de contato com a realidade.



Prognóstico e Tratamento:

O prognóstico terapêutico é melhor nos casos em que os pacientes pior se sentem, isto é, nos casos em que existe uma combinação entre a perversão e a neurose. De modo geral, é bastante reservado o prognóstico do paciente perverso, sendo menos favorável o tipo *borderline*. A falta de integração da identidade e a falta de constância objetal representam fortes obstáculos aos tratamentos, notadamente à psicoterapia.

Otto Fenichel já chamava a atenção para a dificuldade do engajamento do perverso na análise e no tratamento medicamentoso: o fato de os sintomas serem sentidos como prazerosos e darem a sensação de poder, diferentemente do que se verifica na neurose, acaba sendo um fator complicador no tratamento da perversão.

Há de se destacar que os familiares também deveriam ser tratados, porém o que se vê normalmente é uma delegação do problema à figura do perverso, como se só a ele coubesse o ônus das suas atitudes transgressoras. O diagnóstico firmado somente sobre o perverso, por profissionais da saúde, em tais situações, contribui negativamente, uma vez que exime os pais de sua parcela de responsabilidade na gênese de tais transtornos e os torna mais resistentes a aceitarem a necessidade de também serem tratados.

Ante aos inúmeros transtornos sociais (com vizinhos, escolas, justiça, ...) e familiares que o comportamento perverso causa, é mais cômodo deixar que recaia somente sobre o perverso a responsabilidade do seu proceder anti-social do que ter que enfrentar, ante a sociedade em geral, o sentimento de culpa, fuga e omissão causador de todo transtorno. Mormente, admitir que um filho foi “utilizado”, consciente ou inconscientemente, pelos próprios pais para dar conta de seus desejos reprimidos, sonhos irrealizados e conflitos não resolvidos.

Também, é difícil abrir mão do comportamento deste filho que, ainda que de modo anti-social, dá voz, realização e vida aos sentimentos sufocados desses pais. Este filho, agora perverso, torna-se o “vingador” (instrumento) de pais oprimidos e imaturos. Assim nasce uma relação de codependência, pois tratar o filho (o perverso) é anular a única forma autêntica que os pais encontraram de se expressar.

Por este motivo é que o engajamento dos pais no tratamento dos filhos é de pouquíssimo comprometimento, assim sendo, o ambiente familiar continua a favorecer o comportamento transgressor e burla, de modo velado, os tratamentos implementados. A rigidez dos mecanismos defensivos, tanto dos familiares quanto do perverso, constituem-se numa estrutura eficaz de resistência contra a mudança e a melhor adaptação social. Portanto, pode-se falar em relativo CONTROLE, mas não na cura da patologia.

"(...) aqueles que não podem lembrar o passado, estão condenados a repeti-lo" (*"Those who cannot remember the past, are condemned to repeat it"*). *A Vida da Razão*, de 1905.
(George Santayana)

Dr. Maurício Aranha - Médico pela Universidade Federal de Juiz de Fora; Especialista em Neurociência e Saúde Mental pelo Instituto de Neurociências y Salud Mental da Universidade da Catalunya; Pesquisador do Núcleo de Psicologia e Comportamento do Instituto de Ciências Cognitivas. E-mail: ma@icc-br.org